2.ª SERIE. TOMO II.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 28. QUINTA FEIRA, 18 DE ABRIL DE 1850. 9.º ANNO.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

INTERESSES AGRICOLAS.

429 O projecto, para favorecer a exportação dos nossos cereaes, trouxe para a Camara dos Senhores Deputados uma discussão, a proposito da qual se teem appresentado varias opiniões, ácerca dos nossos interesses agricolas.

A REVISTA deve applaudir, que os interesses, que ha tanto advoga, sejam considerados pelos representantes da nação.

O Projecto que se está discutindo foi já por nós recommendado, como um auxilio que se não deve negar á nossa lavoira. Respeitando os deveres que nos impõe a natureza do nosso jornal, exporemos o que pensamos ácerca dos pontos, sobre que se tem chamado a attenção do Parlamento.

O projecto em discussão sendo de alta importancia para o paiz, em consequencia das circumstancias especiaes da nossa agricultura, não resume, apesar disso, nenhum dos mais principaes e poderosos meios que ella reclama, com incontestavel direito, para salvar o paiz da ruina que o ameaça.

O abandono, em que ha muitos annos estão os nossos interesses economicos, é um facto que já póde passar por axioma historico.

O paiz tem desapparecido diante da politica; o interesse da sociedade tem sido esquecido por causa do interesse do individuo.

No campo da guerra, no gabinete, na tribuna, e na imprensa, as formulas teem sido tudo — a moralidade e o bem estar de mais de tres milhões de habitantes, apenas por vezes, teem sido pretexto para sustentar uma opinião.

Mencionar um facto, não é lavrar uma condemnação, que poderia ter por base o desalento de tantos animos e o prejuizo de avultados interesses.

Só diremos, que se alguem quizesse tomar da pedra contra os culpados, ninguem da geração, que tem sobre si a responsabilidade de nossos destinos, o poderia fazer.

Tocando este ponto não é nossa intenção accender odios entre duas gerações, que deviam caminhar abraçadas para o futuro, e que erros funestos teem separado como se fossem inimigos mortaes. Queremos tambem deixar consignado outro facto, que deve exercer grande influencia, sobre os interesses sociaes do paiz. Seremos generosos na appresentação desse facto, porque pertencemos á geração, que neste pleito humanitario, poderia tomar o logar de accusador.

Como consequencia da civilisação, as edades adiantaram-se, e as intelligencias, robustecidas por estudos mais rapidos e substanciaes, iniciaram-se muito mais cedo nos pontos graves das grandes questões sociaes. O talento e a boa vontade foram os titulos que nobilitaram a nova geração — a que se formou desligada dos partidos que tinham os seus estandartes manchados por sangue de irmãos, e que tinham os seus actos futuros ligados e sujeitos a erros e preconceitos do passado. Sem a experiencia, a obra do estudo, do talento e da boa vontade, é quasi sempre inutil. A experiencia estava depositada nas mãos dos que dirigiam, só em virtude de serem mais edosos, a confecção e a execução das leis sociaes.

Teria sido um grande e nobre pensamento, o haver unido para a obra da nossa regeneração economica ambas as gerações. Não se podem alterar as leis da naturesa; as mãos, que susteem, por em quanto, os destinos do paiz, basta o tempo para as fazer cahir esquecidas na sepultura, quando julgarem que estão mais do que nunca senhores do leme do Estado. O pae que despreza e não conceitua o filho que ha de vir a possuir os seus haveres, condemna previamente á destruição o patrimonio que lhe ha de deixar.

A nova geração não tem por desfortuna a significação official que os seus direitos exigem, e daqui nasce o antagonismo que o separa do passado e que o vae divorceando com o presente. Não occultaremos que as suas pertenções, em parte, se podem appresentar exageradas, e com fundamentos que sejam menos justos, mas não é sua a responsabilidade da situação, em que a collocaram.

Parece-nos que ainda seria tempo de evitar os máos resultados deste antagonismo. Provaremos que podem ser muitos. A imprensa pertence actualmente á geração nova — é do seu pensamento que parte o alimento do espirito publico: se a desesperança ahi estiver — se o descrer se lhe apoderou do animo — todas quantas dou-

trinas nasçam de tão dolorosa situação irão influir e servir de base a educação do povo.

Devem attender muito a este meio, que tanta influencia póde ter no futuro.

Se envenenarem o pensamento unico que tem força para se manifestar ao paiz, não podem esperar senão dissolução, em vez de organisação.

A REVISTA póde desafrontadamente appresentar estes factos, porque na sua collaboração nunca houve, nem poderá haver a desgraçada divisão a que temos alludido.

Para o desenvolvimento do plano deste jornal tem concorrido os talentos de ambas as gerações — por que o fim desse plano é a prosperidade do paiz, o seu aperfeiçoamento intellectual e physico, sem dependencia das formulas, ou opiniões que a politica do dia julga indispensaveis para o seu triumpho.

O modo como a REVISTA considera os interesses agricolas, e as reflexões que ao presente se appresentaram na Camara, deve ser sujeito ás circumstancias que temos consignado.

O que vamos escrever não é por tanto a opinião de um individuo, mas significa a expressão de um pensamento, que para muitos homens é o unico recurso que nos resta para o bem do paiz.

Ao abrir-se a discussão sobre a lei dos cereaes, foi logo assentado pelos primeiros deputados, que fallaram, o principio por nós já ennunciado, de que esta lei era apenas um pequeno favor, uma bem fraca concessão aos poucos pedidos de quem muito podia exigir. Appareceram queixas contra a baixa do preço do genero, e só na elevação desse preço se viu a prosperidade da agricultura. Levada á discussão por este caminho, houve quem formulasse accusações terriveis, contra a organisação do Terreiro, como mercado livre: a influencia das contribuições municipaes na alta do preço foi tambem considera da. O ensino agricola, as estradas e bancos ruraes foram citados como meios essenciaes para resolver a questão agricola.

Resumida assim a discussão, passamos a consideral-a em virtude dos principios que deixamos estabelecidos.

A discussão considerou como ruina da agricultura a baixa do preço dos cereaes.

Como remedio a este mal houve quem recommendasse o acabamento do mercado livre do Terreiro.

O imposto municipal foi considerado como influindo na baixa do preço do genero.

Para fomento e prosperidade dos interesses agricolas exigiu-se — o ensino agricola — as estradas — e os bancos ruraes.

Separemos os pontos para os comprehendermos na analyse.

Tratemos da baixa do preço.

Os que dizem que este facto reclama que a alta do preço volte, exigem um mal, julgando que seja um bem.

O luminoso relatorio que precedeu o projecto do Sr. Fonseca, e que deve ser lido attentamente pelos que desejam estudar esta questão, fixou o unico principio que os lavradores devem adoptar neste ponto, e vem a ser, produzir melhor e mais barato.

O preço do genero póde ainda descer mais, e a situação do lavrador ser muito mais prospera do que é ao presente.

Não queremos que o preço suba: mas queremos que a emigração não roubando os braços, augmente a sua offerta fazendo descer o salario em justa proporção com o preço das subsistencias — queremos tambem que a rotina deixe de se oppor á diminuição dos gastos da producção.

A ruina da nossa agricultura provém de que a producção cresce, sem diminuir o seu custo, e sem que ao mesmo tempo o paiz produza outros valores que se possam trocar pelos seus productos.

A terra foi libertada de muitos encargos que sobre ella pesavam; mas ficou escrava dos vinculos — dos pousios — e dos pastos communs. O seu valor como hypotheca é annullado pelas fraudes e injustiças, que se acoutam em a nossa confusa legislação hypothecaria.

Temos augmento de productos agricolas.

Não temos augmento de população, nem desenvolvimento de novas necessidades.

A triste approximação destes factos mais uma vez mostra, que o estabelecimento da industria fabril é para o paiz e para a agricultura o mais certo recurso da sua salvação. Lamentamos que esta idéa, quanto a nós, fundamental para a regeneração economica que se prepara, não fosse appresentada na discussão em que a baixa do preço dos cereaes foi encarada com tanto horror.

A industria fabril de qualquer paiz — a que se póde adaptar á sua posição, clima e conveniencias, é de mais valor para os interesses agricolas do que uma grande exportação dos productos da sua agricultura.

Com o pensamento preso ao erro fatal, de que é mister fazer subir o preço dos productos agricolas, não admira que houvesse quem reclamasse o restabelecimento do antigo terreiro. Já o nosso jornal se pronunciou decididamente contra este grave erro economico, e se elle voltar á discussão, ha-de nos achar sempre na frente para o combatermos sem a minima concessão. Ainda quando os defensores do monopolio, como costumam, se defendam com o grande nome historico do Marquez de Pombal, assim mesmo lhe provaremos que se nos podem combater com um nome, não tem um só argumento para sustentar esse iniquo machinismo fiscal, que não tem como unico fim senão encarecer o pão, esse mais precioso e vulgar sustento do pobre.

Quanto ao imposto municipal, é ponto grave que mal póde deixar de ser tractado em artigo separado.

Nós somos defensores do poder municipal como federação dos interesses do paiz — como expressão real dos seus direitos e necessidades: não podemos portanto negar-lhe o imposto como base da existencia desse poder. O poder municipal sem instrucção publica, o poder municipal sophismado e sem representar a intelligencia, nem a propriedade, é a peior das fatalidades. Em frente do direito publico actual não é elle só responsavel pelos seus erros — e qualquer censura que se lhe dirija, ha de abranger os magistrados administrativos que por parte do governo superior do estado, regulam uma parte importante desse poder. Confessamos que estudando os mappas publicados das contribuições municipaes, encon-

tramos absurdos e injustiças: mas quando as approvaram o que fizeram os Governadores Civis e Concelhos de Districto?

Os artigos 2.º e 3.º do projecto, contendo a disposição de que as Camaras municipaes não podiam impor tributo sobre os cereaes, continham uma disposição justissima e popular. Não reconhecemos o argumento da desigualdade. O pão é a subsistencia unica e indispensavel do pobre, appresentae-nos outro genero semelhante que vos approvaremos egual concessão. Os artigos não continham um privilegio, continham um acto de justiça a favor do preço do alimento dessas classes laboriosas, que vão encher as verbas da receita do orçamento, sem que a educação e a beneficencia publica lhe assistam como por dever deviam assistir desde o berço até á sepultura.

Os artigos voltaram á commissão; seja qual for a sua opinião, desejariamos que não cedesse.

O pensamento benefico da lei póde ficar cortado neste ponto. Exporemos francamente a questão.

O fim do projecto é aliviar os cereaes, de todos os impostos que se possam oppor á sua exportação — não só para os portos estrangeiros, mas tambem para as Provincias Ultramarinas, e para as Ilhas. Em relação á Ilha da Madeira, queremos tambem que seja abolido o direito de entrada, que ainda ahi pagam os nossos cereaes.

O projecto em questão seria nullo, se não significasse o grande pensamento de acabar com todos os direitos que pezam sobre os cereaes, seja qual fôr a sua procedencia.

Eis aqui o nosso parecer quanto á doutrina do projecto. Pelo que diz respeito ao ensino agricola — estradas — e bancos ruraes — apreciaremos, na segunda parte deste artigo, os interesses agricolas em relação a esses tres importantes objectos.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

TRABALHOS GEODESICOS E TOPOGRAPHICOS DO REINO.

(Continuado de pag. 321.)

430 Diz-nos S. Ex.ª que a Carta Geographica de Portugal, que ha muito havia co-ordenado na escala de $\frac{1}{400000}$, ainda inedita, devendo receber grande aperfeiçoamento e importancia com o auxilio das explorações da Commissão Geologica, tendo a vantagem de se concluir em prazo mui limitado, com a tenue despeza de dez contos, fornecidos á Commissão em tres annos, note-se bem, *poderá satisfazer a todos as exigencias administrativas, tornando-se a mencionada Carta Geographica ainda mais importante, por se poder configurar o relevo do terreno, em consequencia de se ter determinado com o Barometro as alturas de um grande numero de pontos:* — taes são as proposições absolutas, que S. Ex.ª avança.

Toda esta revelação involve tacitamente a consequencia dos Trabalhos Geodesicos e Topographicos do Reino deverem ser abandonados, por isso que a Carta Geographica de S. Ex.ª, custando apenas dez contos, e estando concluida em tres annos, mostra tudo, e serve para tudo. Vamos pois analysar esta nova maravilha do mundo, cujo primeiro effeito será abrir os olhos aos Governos de Inglaterra e França, e a varios outros, que tão obstinados tem andado com os Trabalhos Geodesicos e Topographicos de seus respectivos paizes, gastando sommas avultadas e grande numero de annos. Devem portanto immediatamente parar e acabar com todos esses inuteis trabalhos, substituindo-lhes os methodos indicados por S. Ex.ª, afim de obterem as respectivas Cartas Geographicas na escala de $\frac{1}{400000}$, as quaes lhes devem servir *para todas as exigencias administrativas.*

É muito notavel como S. Ex.ª se contradiz nos seguintes periodos do seu artigo, quando nos affiança, que a sua Carta Geographica, *na qualidade de Carta provisoria, poderá satisfazer a todas as exigencias administrativas.* Com effeito, chamar *provisoria* a uma Carta, que satisfaz a *todas as exigencias administrativas*, isto é, que preenche os fins de quantas Cartas Topographicas se podem imaginar, é, na verdade, um raro exemplo de modestia para todos os autores. Comtudo, mais adiante S. Ex.ª, esquecendo-se dos brilhantes serviços, que a sua Carta deve prestar, e não se lembrando já, que a tem construido na escala de $\frac{1}{400000}$, declara-nos, que as Cartas especiaes de Inglaterra são publicadas na escala de $\frac{1}{62400}$, accrescentando — *escala que presentemente todos concordam ser mui diminuta para aquelle fim.* — Como é pois possivel, que sendo a escala, adoptada por sua Ex.ª, seis vezes menor, que a adoptada em Inglaterra, todavia a Carta de S. Ex.ª satisfaz a todos os fins, e a Carta de Inglaterra não? Rogamos a S. Ex.ª nos explique este seu enigma.

Mas quaes foram as bases, de que S. Ex.ª se serviu para construir a sua Carta Geographica? foram por certo a incompleta Triangulação de 1.ª Ordem do Doutor Ciera, que não passa da Serra da Estrella e Caramullo, de que apenas observou um tão limitado numero de angulos, que com difficuldade se calculam unicamente os lados dos triangulos, que ligam a grande base de operações com a pequena base de verificações; onde todos os mais pontos trigonometricos foram determinados por observações da Bussola, quando se fez o primeiro reconhecimento do paiz; em que a grande base de operações tem o enorme erro de 685 metros; onde ha triangulos com lados de 20 legoas; e finalmente uma Triangulação tão defeituosa, que o seu proprio author declara na *Carta dos Principaes Triangulos das Operações Geodesicas executadas em Portugal, publicada por ordem de Sua Alteza Real o Principe Regente em* 1803, que os lados calculados não são mais do que meras aproximações, que servirão para as reducções ao centro: tal é a base fundamental da Carta Geographica de S. Ex.ª

Quanto a Triangulações secundarias tambem S. Ex.ª nos declara, que possuia as que tinham sido executadas pelo illustre General Caula, das quaes sinceramente confessamos não ter conhecimento; porém muito nos admira, que tendo S. Ex.ª, como Director do Archivo, recebido ordem em 1833 ou 1834, sendo Ministro Agostinho José Freire, para entregar ao General Folque o que houvesse relativo a Trabalhos Geodesicos, apenas entregasse os Padrões da Braça, dois Circulos Repetidores, e uma Cópia da Triangulação

do Doutor Ciera; para que nos occultou S. Ex.ª as Triangulações secundarias do General Caula? Perdôe-nos S. Ex.ª, foi pelo menos uma falta de generosidade e franqueza, que lhe não mereciamos.

Ninguem duvida do distincto merecimento do General Caula, e muito principalmente nós, que o conheciamos, respeitavamos, e a quem eramos muito obrigados; porém S. Ex.ª deve saber, que hoje não se acceitam dados scientificos como dogmas, ainda que venham de authoridades muito respeitaveis; tudo se discute, tudo se analysa. Portanto, como as Triangulações secundarias são uma consequencia necessaria da Triangulação de 1.ª ordem, a respeito da qual muito dissemos nas nossas Memorias, que andam impressas, permitta-nos S. Ex.ª, que suspendamos a nossa opinião a respeito do merecimento, que devem ter as mencionadas Triangulações secundarias, em quanto S. Ex.ª nos não disser, que genero de Observações fez o General Caula, e de que bases se serviu.

A que mais poderia S. Ex.ª recorrer para a construcção da sua Carta Geographica? Por certo consultaria uma immensidade de plantas topographicas, que se encontram nos nossos Archivos, relativas a differentes pontos do Reino, levantadas infelizmente por diversos processos, debaixo de escalas e convenções arbitrarias, configurado o terreno á simples vista por varios systemas de desenho, etc. Que partido tirou pois S. Ex.ª de todos estes elementos geodesicos e topographicos? foi o seguinte, confessado por S. Ex.ª no seu artigo, quando diz: — « *O Mappa Geral de Portugal, que eu ha muito havia co-ordenado na escala de* $\frac{1}{400000}$, *ainda inedito, e que, apesar de todos os meus esforços, não deixa de conter muitas lacunas e incertezas, especialmente no curso dos rios e nas direcções das serras, tornando-se mais salientes estes defeitos a respeito da vasta provincia do Alemtéjo, muito mal descripta até ao presente.* » — Perguntamos agora: não é uma grande falta não se ter cuidado ha mais tempo das Triangulações primarias, secundarias, &c.? não é egualmente indesculpavel, não se haver organisado um systema de escalas, de convenções, de desenho, de configuração geometrica de terreno? o que é um Archivo Militar sem estas bases? como póde elle funccionar utilmente, e apresentar trabalhos deste genero, dignos de um inteiro credito? Se, pelo contrario, todos estes antigos trabalhos geodesicos e topographicos, aos quaes S. Ex.ª recorreu, tivessem sido executados debaixo de methodo e systema, não tiraria delles agora prompta e valiosa vantagem para a confecção da sua Carta Geographica? Porém S. Ex.ª, que a este respeito morre impenitente, porque não acredita, que em Portugal se possam ultimar os Trabalhos Geodesicos e Topographicos, executados ao nivel actual da sciencia, persuade-se que não obstante as grosseiras imperfeições da Triangulação fundamental e suas derivadas, e apesar das incertezas, lacunas, e excrescencias, que forçosamente lhe haviam de apparecer na juncção anarchica dessa arbitraria topographia, tudo ficará excellente na sua Carta Geographica, em se procedendo como no Alemtéjo, onde alguns dos 900 pontos, determinados com a Bussola por seis e mais cruzamentos, dão muito bem! De que se admira S. Ex.ª dos cruzamentos darem bem, se os pontos são determinados graphicamente sobre a Carta dos Triangulos, representados na escala de $\frac{1}{200000}$, onde as influencias dos erros, commettidos nas observações da Bussola, são absorvidos pela pequenez da escala, em que 1 millimetro representa 200 metros! Resolva S. Ex.ª effectivamente os triangulos com os angulos, dados pela Bussola, compare depois os resultados, que achar para o valor de um mesmo lado, obtido pela combinação de diversos triangulos, e S. Ex.ª conhecerá então os enormes erros, que se commettem.

Tambem nos affiança S. Ex.ª, que a sua nova Carta Geographica torna-se mais importante por mostrar o relevo do terreno, deduzido das alturas de um grande numero de pontos, determinadas por observações barometricas. O numero destas observações, segundo o que S. Ex.ª nos refere, anda por 2:000; supponhamos, portanto, que S. Ex.ª tem 2:000 cotas de nivel na vasta provincia do Alemtéjo; a superficie desta provincia não se póde suppôr menor que a quinta parte do Reino, por consequencia deve occupar uma superficie de 600 legoas quadradas; dividindo 2:000 cotas de nivel por 600 legoas quadradas, resulta 3 ou 4 cotas por cada legoa quadrada, isto é, conhece dentro de cada legoa quadrada as alturas de 3 ou 4 pontos: agora esperamos que S. Ex.ª nos diga como determina o relevo de todo o mais terreno, que fica comprehendido nos limites de cada legoa quadrada. Forçosamente nos responde, que o mais é feito á vista.

Concordamos completamente, porque nem outra coisa era possivel fazer-se em tres annos, na extensão de 3:000 legoas quadradas, e na escala de $\frac{1}{200000}$; porém, onde entra simplesmente a vista, por mais consciencioso que seja o topographo, infallivelmente tem entrada o arbitrio; e quando neste genero de trabalhos, o arbitrio é que governa, desapparece logo o rigor. S. Ex.ª não encontra em Tratado algum moderno de Topographia o uso do Barometro para levantar o que se chama relevo ou configuração geometrica do terreno; os processos são inteiramente outros. Hoje o topographo não tem arbitrio algum; tudo observa, tudo mede, tudo é consequencia legitima dos factos.

Quanto á Carta Hydrographica das Costas de Portugal, que tambem serve de base á construcção da nova Carta Geographica de S. Ex.ª, nada diremos, por que, tendo-se concluido ha pouco os trabalhos do novo Plano Hydrographico da Barra e Porto de Lisboa, os quaes se estão passando a limpo, e tendo sido levantado desde os fundamentos na escala de $\frac{1}{10000}$ por uma Commissão composta de Officiaes de Marinha, os quaes publicam conjunctamente uma Memoria descriptiva sobre o assumpto; confrontando S. Ex.ª o novo Plano Hydrographico com a parte correspondente da sua Carta Hydrographica, conhecerá que talvez seja prudente não se fiar demasiadamente naquelle seu trabalho.

De tudo quanto temos dito resulta, que a nova Carta Geographica de S. Ex.ª, attendendo ás bases e methodos, empregados na sua confecção, não póde aspirar senão ás honras de um bom reconhecimento geographico, e nada mais.

É notavel que, mostrando-se S. Ex.ª tão incredulo a respeito dos Trabalhos Geodesicos e Topographicos deste reino, não tivesse manifestado já a sua opinião

nas duas épochas anteriores, em que o Doutor Ciera e o General Folque os dirigiram. Por que motivo reservaria S. Ex.ª esta sua declaração para o momento actual? Se S. Ex.ª, em devido tempo, tivesse representado, como Director do Archivo Militar, o que agora publicou a similhante respeito, e o Governo adoptasse as opiniões de S. Ex.ª, isto é, se o Governo se contentasse com um bom reconhecimento geographico na escala de $\frac{1}{200000}$, já ha muito S. Ex.ª teria publicado a sua chamada Carta Geographica do Reino; porque, emfim, os discipulos do Infante D. Henrique, e os descobridores da India ainda se não esqueceram do uso da Bussola, e não se acham tão atrazados nas sciencias physico-mathematicas, que não saibam ler as indicações do Barometro e do Thermometro, para deduzirem por um calculo mui simples as alturas dos differentes pontos do globo sobre o oceano: seria, na verdade, uma injuria duvidar alguem, que, nos nossos corpos scientificos, não houvessem officiaes capazes de desempenhar quaesquer instrucções, que S. Ex.ª organisasse para este fim.

Infelizmente tudo aconteceu pelo contrario. S. Ex.ª nada disse, nada representou; o Governo fez-nos a honra de nos encarregar da Direcção dos Trabalhos Geodesicos e Topographicos do Reino, em cujo feliz exito acreditamos, e de que temos a convicção profunda, que a administração deve tirar grandes vantagens; S. Ex.ª, pelo inverso, guerrêa a sua execução, e não é claro, se lhes concede aquella poderosa e benefica influencia, que elles devem ter sobre muitos melhoramentos deste paiz: estamos por consequencia em opposição manifesta a este respeito.

Julgamos que S. Ex.ª nos fará a justiça de acreditar, que é com a maior repugnancia, que publicamos a nossa opinião ácerca do merecimento deste ultimo trabalho de S. Ex.ª; opinião que sempre tivemos, desde que nos constou que S. Ex.ª tentava co-ordenar uma Carta Geographica deste paiz, tomando por base os meios existentes; mas como nada se perdia em possuirmos mais um mappa deste reino, que, em relação a outros até agora publicados, se aproximasse mais da verdade a certos respeitos, nada dissemos, coisa alguma publicámos, que podesse desvirtuar o trabalho de S. Ex.ª

Nestas circumstancias, S. Ex.ª, publicando o seu artigo, necessariamente se devia lembrar, que nos lançava uma luva, que, por diversas considerações, não era possivel deixarmos de levantar, como Professor de Astronomia e Geodesia n'uma das principaes Eschólas do Reino, como Official da Arma de Engenharia, e muito principalmente como Director dos Trabalhos Geodesicos e Topographicos. Destas publicações tira-se, comtudo, a grande vantagem do Publico ficar conhecendo perfeitamente a questão.

Antes de concluirmos estas nossas reflexões, cumpre-nos declarar, que a especie de enthusiasmo com que nos temos dedicado aos estudos especiaes da Geodesia e Topographia; o decidido empenho, que sempre temos mostrado na applicação destas sciencias ao nosso paiz, afim de se crear gosto pelo seu estudo theorico e pratico, formando-se assim um certo pessoal technico neste ramo; e a perseverança, com que nos temos havido neste intento, atravessando épochas assaz calamitosas, que, por diversos modos, muito tem contrariado o andamento da nossa Commissão; soffrendo trabalhos e privações, que não tem podido fazer esmorecer o zelo e efficacia, com que quasi exclusivamente nos temos empregado neste serviço, parece-nos, que serão garantias sufficientes para que a ninguem lhe occorra a abjecta idéa, de que mais nos move o mesquinho interesse pessoal, que nos provém da qualidade de Director; interesse, que de modo algum compensa as despezas inherentes a esta Commissão, as fadigas e trabalhos intellectuaes, e mais que tudo a immensa responsabilidade que sobre nós peza, do que a consciencioso persuasão, em que estamos, das muitas vantagens, que este paiz póde tirar de similhantes trabalhos, e em que talvez possamos prestar-lhe algum pequeno serviço.

A immensa publicidade que S. Ex.ª deu ao seu artigo; a escolha da épocha, proxima da discussão do Orçamento, &c., tudo nos leva a acreditar, que S. Ex.ª procura indispôr a opinião das Camaras, do Governo, e do Publico contra os trabalhos Geodesicos e Topographicos do Reino, afim de se annullar a verba do Orçamento, que lhes é destinada. Será possivel que S. Ex.ª o consiga? Se tal acontecer, não lhe invejamos a gloria; a historia das sciencias lhe fará a justiça devida; e no silencio do nosso gabinete lamentaremos esta vergonha nacional.

Lisboa, 19 de Março de 1850.

F. FOLQUE.

NOVO FABRICO DE VERNIZES.

431 Dissolvendo-se ou misturando-se oleos fixos no ether ou em *alcohol absoluto*, e queimando-os n'uma capsula sustentando a combustão pela applicação de um calor brando, obtem-se, se a operação fôr bem praticada, certa massa absolutamente incolor no caso em que os oleos que se empregarem tambem forem descoloridos. Tratados desta maneira os oleos de cravo e de noz, deram a M. L. C. Jonas, que descobriu este processo, um excellente verniz para pintura.

SOBRE ARRENDAMENTOS DE TERRAS NA FRANÇA E INGLATERRA.

432 Tanto na Inglaterra como em França tem sido mui gabado a pró da industria agricola o uso dos longos arrendamentos; e com effeito, para os rendeiros que conhecemos em parte da França é um incentivo para cultivarem bem, levarem as terras ao auge de fecundidade e sustentarem-no. Comtudo os dilatados arrendamentos, de 18, 24 e 30 annos por exemplo, são uma verdadeira alienação; e muitas vezes o pae de familias receia obrigar-se por tão longos prazos, teme que no ultimo periodo de seu arrendamento o caseiro procure esgotar a fecundidade adquirida, e que por fim de contas a terra não fique para o proprietario no fim do arrendamento em peior estado do que no principio.

Esta causa, independente das abonações ou fianças a que o rendeiro nem sempre póde satisfazer, reduziu na Inglaterra em muitos casos o numero dos longos arrendamentos; e por uma combinação que não podia ser applicada em França aconteceu alcançar-se

com arrendamentos annuaes o mesmo resultado, que se esperava de contractos a longos prazos.

Na Inglaterra a propriedade territorial está constituida de modo tal, que uma familia de rendeiros tem quasi a certeza de usufruir os casaes que traz de renda, de paes a filhos por muitas gerações. Não deriva ella dos contractos, mas é fundada nos costumes, em antigas tradições e até nos interesses da aristocracia, de fórma que o cazeiro tendo feito seu contracto por um anno trabalha com perfeita segurança; não tem motivos para especular com os recursos do terreno; além do que é conveniente; e em todo o caso, quer cultivasse mal, quer abusasse das circumstancias, corria o risco de se vêr despedido.

Ha muita differença entre esses arrendamentos annuaes, que parece constituirem lei commum nos districtos onde tem suas propriedades Sir Roberto Peel, e os que são feitos a largos prazos, de uso na Escossia, e muito mais em comparação dos de tracto successivo, conhecidos em Inglaterra pelo nome de lord Kames. Porém, realmente, proprietarios e rendeiros parece que consideraram a mesma coisa, o melhoramento do terreno e o augmento constante de sua fecundidade, n'umas partes feitos os arrendamentos a longos prazos com clausula especial que segura ao rendeiro o embolso das despezas que possa ter para dar mais valor ás terras; — n'outras partes, sendo os arrendamentos annuaes, firmando-se a sua renovação nas boas relações entre o dono e o locatario, e perpetuando-se quasi hereditariamente. Assim é que, por differentes caminhos e na apparencia oppostos, tem sido possivel chegar ao mesmo resultado.

Indagando porém, os motivos que contribuiram para estabelecer e manter, n'uma parte da Inglaterra e sob a direcção de um genio de alta esphera como é Sir. Robert Peel, a pratica dos arrendamentos annuaes, estamos bem longe (diz o escriptor francez, que trasladamos) de os appresentar como exemplo ao nosso paiz. Da maneira por que está constituida em França a propriedade, attenta a sua extrema divisão sob a influencia da nossa legislação em materia de successões, as mutuações frequentes que dahi derivam, estão em opposição directa com a constituição directa da Inglaterra. As relações de mutua confiança que existem n'aquelle reino entre a familia do *landlord* (proprietario, directo senhor de terras) e a familia do rendeiro, essas antigas tradições desappareceram d'entre nós; verdade é que outras vantagens as substituiram.

Estas reflexões foram suggeridas pela circular de Sir R. Peel a seus rendeiros, abatendo as rendas pela mor parte. M. Pommier continua — « Seria difficil julgar até que ponto o plano indicado pelo celebre estadista póde atenuar, respectivamente aos productores na Grã-Bretanha, os effeitos da concurrencia estrangeira; mas é incontestavel que não ha proceder como o seu, nem mais generoso, nem mais franco e ao mesmo tempo intelligente. Abaixando as rendas, parece que Mr. Peel condemnava o seu systema economico. — Dissera elle — « É minha convicção mui firme, que o parlamento actual nem os futuros consentirão em restabelecer os direitos sobre os generos de uso ordinario para a subsistencia humana a beneficio quer da producção agricola, quer do fisco. Ora diminuir a renda na parte que lhe tocava era desdizer esta nobre confiança e reconhecer effectivamente que a legislação nova trazia prejuiso á producção das propriedades. Mas que faz Sir Peel? Diz aos seus rendeiros: — A maior parte de vós não colhe senão (por exemplo) 18 ou 20 alqueires de trigo em determinada extensão de terra, ao passo que outros em condições eguaes, e com egual terreno levantam 40 alqueires, cumpre portanto que vos appliqueis a obter esta ultima producção.

Sir R. Peel com rasão se admira de tão notavel differença; mas accrescenta que o augmento de producção obtem-se, *não por despezas addiccionaes*, mas por meio de prudentes providencias, pelo estudo dos factos e dos progressos da sciencia, pela boa distribuição do trabalho, pela bem intendida disposição de todos os meios de alcançar estrumes, pelo cuidado de restituir á terra todos os elementos de fertilidade que lhe extrahe cada sementeira.

Não ha duvida que todos estes meios intelligentemente dirigidos, pódem concorrer em subida proporção para augmentar o producto das terras, mas será exacto dizer-se que póde lograr-se o resultado sem *gastos addicionaes?*

Neste ponto foi um tanto exaggerado Sir Peel; e a prova é que em seguimento offerece aos seus rendeiros que diligenciarem pagar as rendas n'um praso fixado, ajudal-os com os capitaes delle senhorio, quer para o enxugamento dos brejos, quer para o melhor emprego dos estrumes, quer para quaesquer outros melhoramentos. « Applicarei (disse) 20 por cento das rendas aos trabalhos mais susceptiveis de melhorar o estado actual dos casaes.

Sir Peel reconhece a necessidade de proceder na agricultura como na industria, isto é, pela applicação racional, e convenientemente dirigida, dos capitaes. Adianta dinheiro aos rendeiros que lhe appresentam garantia de intelligencia e capacidade, e isto ao juro de 4 por cento. Nos trabalhos de *drainage* só deixa a cargo do rendeiro o transporte dos materiaes. Finalmente, convencionaria arrendamentos de muitos annos com aquelles rendeiros, que, possuindo a fortuna e intelligencia necessarias, intentassem fazer á sua custa algumas despezas para melhoramento dos respectivos casaes.

Estes prudentes conselhos, estas francas propostas não se dirigem só aos cultivadores, tambem se destinam proporcionalmente aos proprietarios da Grã-Bretanha. Já na occasião em que o celebre ministro, haverá tres annos, revolucionava as leis commerciaes do seu paiz, fazia approvar no parlamento um emprestimo consideravel aos proprietarios que praticassem a operação da drainage nos seus terrenos. O que elle obtinha do governo a pró da propriedade e como compensação dos sacrificios a que a submettia o abandono do systema protector, quiz com seus recursos particulares pol-o em execução nas suas vastas fazendas. Está convencido de que obrando deste modo, os governos, os proprietarios, os rendeiros não terão que receiar a concorrencia estrangeira, isto é, que o territorio inglez, produzindo mais, manterá o mesmo rendimento ao passo que as substancias alimentares serão sempre abundantes, e serão dadas pelo mais baixo preço possivel com grande vantagem de todas as classes de consumidores.

Mr. Pommier, terminando as suas reflexões sobre a circular e o designio de Sir Peel, diz que a cooperação individual da propriedade não póde ser em França tão geral nem tão efficaz como na Gra-Bretanha, paiz das grandes fortunas hereditarias e por assim dizer inamoviveis; porém que não obstante isso muitos progressos se conseguiriam se no limite possivel os proprietarios francezes prestassem auxilio aos bons e laboriosos rendeiros, devolvendo á terra, para beneficial-a, alguma parte do rendimento que ella produz. Por outro lado, se na Inglaterra onde o premio do dinheiro, é barato e a aristocracia territorial mui poderosa pela sua riqueza e auctoridade, o governo assentou que lhe cumpria intervir por meio de largos adiantamentos consagrados ao melhoramento dos terrenos, com muito mais forte razão essa intervenção era necessaria na França, paiz essencialmente agricola, e onde a propriedade é tão alienavel e tão retalhada. Que não queria dizer que o estado fizesse emprestimos, porquanto não devia fazer mais favores á agricultura do que ás outras industrias: mas que, por essa mesma razão, assim como não se ingeriu na industria, commercial e na fabril, e nem por isso deixou de lhes abrir as fontes do credito mediante leis sabias e efficazes, deveria proporcionar á industria agricola equivalentes vantagens.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

MEMORIAS D'UM DOIDO.

CAPITULO XI.

A politica do toucador.

433 A viscondessa, com o tacto superfino de mulher superior, adivinhára immediatamente a causa que affastára Mauricio. O seu amor proprio offendêra-se excessivamente da sua repentina partida. A vingança, naquellas organisações geladas, é menos uma necessidade energica da alma, do que um passatempo frio e calculado da vida. Conhecendo as susceptibilidades daquelle caracter orgulhoso, e as impaciencias selvagens daquella sensibilidade excessiva, resolvêra desesperal-o por uma intriga habil, e abatel-o n'uma dependencia, que o humilhasse ou o annullasse totalmente na carreira politica. Reservára-lhe a offerta d'um logar obscuro de addido n'uma dessas embaixadas impotentes, com que as nações pequenas se gloriam, e demonstram as vaidades d'uma nacionalidade pueril.

Convinha resolver o seu amante, o seu alliado, e nada era mais facil, para quem observasse attentamente as pequenezas daquella phisionomia politica, mistura de corrupção cinica, e de indolencia governativa.

O Barão de * * * era um destes heroes de improviso, que — louvado Deus! — não passaram das follias valentes de alguns boletins, redigidos nos fumos da victoria. Intelligencia acanhada, e pouco culta, a confiança, que possuia nas suas faculdades, nascia unicamente da sua completa ignorancia em todas as questões de administração e de governo. Elevado, pelos acasos da fortuna e não pelas fadigas do talento, elle tinha toda a sufficiencia do *parvenu*, e toda a audacia do aventureiro. O barão demonstrando na sua linguagem, um grande desdem pelas mulheres, era dominado exclusivamente pela viscondessa. Animo debil e valetudinario, gosava nesta abdicação, dos commodos da ociosidade intellectual, o ideal de toda a mediocridade orgulhosa, e satisfeita de si.

— Barão — dizia a viscondessa, com aquella volubilidade feminil, que o seduzia, involuntariamente — não basta ter salvado Mauricio das demasias de uma opposição perigosa, é necessario affastal-o de Portugal, fazer amadurecer a vivacidade daquelle talento irritavel, em um paiz estrangeiro. . . . .

— É para me curar dos ciumes? . . . — perguntou o Barão com um riso grosseiro.

— Julgo que não é essa uma molestia de perigo — respondeu a Viscondessa com um sorriso.

— Que heide fazer então?

— Conceder-lhe um logar de addido. É um diploma de viajante, por conta do governo.

— Talvez nos seja necessario aqui. Parece, e nisso concordam todos com a Viscondessa, que é uma penna habil, e um espirito penetrante.

— Não sabe então que um talento de poeta, é caprichoso como uma mulher bonita? São homens que repugnam a serem instrumentos de uma vontade estranha.

— Talvez eu o podesse convencer! . . . — disse o Barão, affagando com ar de triumpho a dobra do collete.

— Perdia o seu tempo. . . como eu: — atalhou a Viscondessa.

— Então, disponha de mim. — Dou-lhe carta branca para ultimar este negocio.

E depois, a conversação, mais silenciosa e significativa, versou sobre assumptos, que um escriptor não póde revelar, sob pena de ser excessivamente indiscreto.

. . . . . .

. . . . . .

Mauricio, recebia horas depois, um bilhete, modelo de diplomacia aggressiva, e de polidez affrontosa:

« O ministro excessivamente penhorado da sua abnegação, e presando em muito o que eu lhe disse a seu respeito, resolveu nomeal-o addido da embaixada de *** Este despacho, que é uma homenagem espontanea aos dotes do seu espirito, torna-se para mim um motivo de prazer, porque terei de certo occasião de o vêr, antes de partir. »

— Eis a que eu me expuz! — bradou Mauricio, amarrotando convulsivamente o bilhete nas mãos — vou dever a minha posição á supplica de uma mulher! — Depois, tomando rapidamente a penna, exhalou n'uma carta vehemente, todas as legitimas repugnancias do seu orgulho:

« Eu não agradeço a V. Ex.ª a noticia que me dá. Prefiro a sinceridade á delicadeza. Acho a posição que me offereceu muito superior ao meu merecimento, mas muito inferior á minha ambição. Retirado da scena politica, e V. Ex.ª aprecia melhor do que eu o motivo que a isso me levou, resigno por emquanto tudo o que me poderia approximar da vida activa, para que me não sinto com vocação. »

. . . . . .

Á noite, a *coterie* da Viscondessa estava em plena sessão.

Era uma dessas reuniões semi-familiares, e semi-officiaes, afinadas na mesma clave, e que respondia a todos os movimento de opinião, como uma orchestra ao aceno imperioso da varinha do compositor.

— É bem atrevida essa carta — dizia um velho de cincoenta annos, encanecido no servilismo *bureaucratico*, e que passava como um objecto de inventario, de ministerio a ministerio — a recusa nem está nos termos do estylo — accrescentava elle, recordando-se com ufania da redacção das portarias, que mecanisão a mais robusta, e despreocupada intelligencia.

— Julga-se acaso um homem de estado em prespectiva — repetia uma senhora, lidada nas conversações politicas, e que passava com a mesma facilidade da questão russa para a analyse de um *Toilette* de gosto duvidoso.

— É uma grande perda a sua inacção! — atalhou um dos antigos amantes da Viscondessa, com pertencções a espirituoso.

— É bem impertinente responder assim a uma senhora tão amavel! — disse o barão com esse ar de galanteio, que entre dois amantes é de um soberano ridiculo.

— Pobre rapaz! dizem que está apaixonado! — repetiu uma trigueirinha engraçada, dando aos olhos mais travessos e voluptuosos, uma expressão de sentimento affectado.

— Parece-me pouco susceptivel de se affeiçoar a alguem, o tal poetasinho! — atalhou a Viscondessa com essa intonação sarcastica, indefinivel de insulto, na bocca de uma mulher.

Neste momento, a Viscondessa de ***, sua intima amiga, debruçou-se ao ouvido de uma senhora, para lhe dirigir uma observação maliciosa:

— Fallaria a Viscondessa por experiencia propria? Dizem que houve entre elles o quer que seja de mistica adoração. . . .

Uma amiga intima é, em geral, a mais perigosa de todas as inimigas. A cada elogio pomposo, e rasgado, andam ligados tantos *mas* importunos, que mais valêra a completa eliminação destes calculados panegyricos.

— O que fará elle então? — perguntou um destes personagens parasitas que se matriculam em todas as mesas, e que souberam realisar o grande problema de dispensarem o capital na acção da sua industria — é facto sabido, que elle é pobre, e que deve algum ephemero brilhantismo, aos acasos do jogo.

— É tambem jogador! — bradou uma velha, com pertenções a beata, e que era fregueza acerrima de todas as loterias — só por isso nunca havia de entrar em minha casa.

— Que idéa foi a tua de o protegeres, Viscondessa? — disse uma elegante morgada, brincando descuidosamente com as cadeias de um lindo relogio, que trazia á cintura.

— Cedi ás suas instancias — tive pena delle! — respondeu a Viscondessa com uma expressão desdenhosa.

— Soube tambem, — atalhou um destes alviçareiros de cazas particulares, que ninguem sabe donde vem, para que servem, e a que ponto se dirigem — que abandonára uma mulher, com quem vivêra em escandalosa intimidade!

Foi o momento de todas as senhoras fecharem os olhos com desgosto, e de fazerem ouvir um murmurio de desapprovação, á immodestia da phrase. Oh raro pudor desta sociedade, que sacri-

fica a lingua, já que não póde moralisar os costumes! As mesmas que cobriam de insinuações calumniosas a reputação de um homem, não podiam supportar um adjectivo, que não tivesse resistido ás provas de um *Indice Expurgatorio!* — La Rochefoucauld quando disse que: «a hypocrisia era a homenagem que o vicio prestava á virtude» não escreveu só um aphorismo moral, lavrou o epitaphio a este seculo na agonia.

LOPES DE MENDONÇA.

(Continúa.)

O CANTO DA ANDALUZA.

434 Sou filha do sol ardente
Que as Hispanhas alumia,
Daquelle sol que s'espraia
Na formosa Andaluzia:
Vejo na fronte cruzados
Os raios do meio dia!

Mostro nos olhos um fogo
Que no peito arde mais puro:
Os lindos negros cabellos
Com brancas rozas seguro:
Nem ha olhos mais formosos
Nem cabello mais escuro!

E o seio que pulsando
Encerra chamas d'amor,
Tão debil cinto o sustenta,
Que o dissereis sem vigor:
Nem ha calix mais estreito
A suster mais linda flor!

Não são rozas espargidas
Sobre brancas açucenas,
Onde fulguram meus olhos
Como estrellas mui serenas;
Este fogo em que me abrazo
Cresta-me as faces morenas!

Debaixo das rendas pretas,
Que a mantilha me guarnecem,
Os meus olhos inspirados
Mais formosos apparecem;
Tal nos véus que a noite esparge
Lindos astros resplandecem!

No meu cavallo andaluz
Garbosamente montada,
Que a negra juba, raivoso,
Mancha d'espuma nevada,
Sou, qual raio scintilante
Na voraz fuga levada!

Junto ao som d'uma guitarra
Solto a voz mui docemente;
Nas endechas namoradas
Peço um coração ardente,
Que apertado nos meus braços
Este meu sentir augmente.

Mas debalde a voz cançada
Já me pede esta illusão;
Não ha seio que palpite
Junto do meu coração:
Aniquillo bronzeos peitos
Co'a lava d'este vulcão!!

1848. L. A. RIBEIRO DE SÁ.

NOTICIAS E COMMERCIO.

MOVIMENTO DA POPULAÇÃO NO DISTRICTO E BISPADO DO PORTO EM 1849.

Um mappa inserto no *Periodico dos Pobres* n.º 84 appresenta o seguinte resultado:

435 Nascimentos —		
Meninos	7,097	
Meninas	6,785	
		13,882
Casamentos	2,717	
Fallecimentos —		
Homens	2,179	
Mulheres	2,554	
Meninos	2,507	
Meninas	2,152	
		9,392

N. B. Não se comprehendem as creanças nascidas no hospicio da maternidade no hospital de Santo Antonio e as que entraram na roda dos expostos; nem entram, em o numero dos obitos, os fallecimentos nos diversos hospitaes da cidade do Porto, e que sommam 661 obitos.

LADRÕES.

436 Descubriu-se, em Lisboa, uma companhia de ladrões, com os seus depositos de roubos: — um era na travessa da Horta da Cêra: — o outro na travessa das Vaccas: — são avultados os roubos que se encontraram. Já estão presos 10 homens e 2 mulheres.

A descoberta dos ladrões e a sua prisão são dignas de elogio; porque as respectivas auctoridades se houveram bem.

MINAS D'ALMADEN.

437 No principio de Março proximo passado concluiu-se nestas minas, que são uma das riquezas de Hispanha, a tarefa da distillação do mineral de azougue, que tivera começo no 1.º de Novembro do anno ultimo, tendo obtido 11.361 quintaes do dito metal. O districto de Almadenejos produziu 170; a limpeza dos fornos antigos, e o augmento que resultar nos armazens em rasão do pezo avantajado á entrada poderão subir a 270, addicção que sommada com as duas precedentes dá a totalidade da extracção, 11.800 quintaes, que excede em 200 o limite fixado pelo governo para a lavra annual. Além disso, espera-se que as minas das Asturias produzam 400 quintaes.

DESASTRES DE NAVEGAÇÃO FLUVIAL.

438 O numero de vapores, que durante o anno de 1849 foram a pique ou se estragaram pelas explosões nos rios que cruzam os estados occidentaes da União Americana, segundo os dados estatisticos, ministrados pelos jornaes de Saint-Louis, sobe a 112, dos quaes 83 foram destruidos totalmente. Calcula-se o valor da propriedade perdida por causa destes sinistros em quatro milhões de cruzados, e pereceram nesses desastres para cima de 200 pessoas. Cumpre advertir que a presente estatistica refere-se tão sómente a uma parte da navegação dos estados d'Oeste. Em muitos casos os accidentes funestos procederam do desleixo e pouca aptidão dos engenheiros, e não poucos da falta de solidez das caldeiras e de outras peças das machinas.

PHENOMENO CELESTE.

439 Diz um jornal de Barcelona, que em 19 de Março pela volta da meia noite, viu-se distinctamente eclipsada pela lua uma das mais formosas estrellas do céu: o eclipse durou perto de hora e meia. Esta estrella, denominada Aldebaran, ou olho de toiro, ainda ha poucos annos era reputada inteiramente fixa, isto é, que não tinha mudança alguma em relação ás demais estrellas, obedecendo unicamente ao movimento geral que transporta cada dia a abobada estrellada do oriente para o occidente.

Os astronomos modernos chegaram a conhecer por meio de prolixas observações, que a estrella Aldebaran não possuia a immobilidade que lhe suppozeram. Percorre, com effeito em cada anno uma linha de mais de cem milhões de leguas; e não obstante issso, a sua distancia da terra é tal que, para atravessar um espaço egual ao que a separa de nós, gastaria quando menos um milhão e seiscentos mil annos. Bastará sem duvida esta consideração para tranquillisar ainda os mais timoratos. Podemos, porém, mencionar outra egualmente animadora; e vem a ser que o movimento da estrella Aldebaran não se dirige exactamente para nós; de modo que ao passar no ponto da sua jornada mais proximo da terra, ainda ha-de ficar summamente remota, circumstancia muito feliz para o nosso mesquinho e pequeno planeta, dois milhões de vezes menor que a referida estrella, pelo que se um dia se encontrasse no caminho com um tal colosso correria grande risco de ser mettido a pique!

SOCIEDADE BIBLICA-BRITANNICA.

440 Resulta da memoria que a sociedade publicou recentemente que nos 45 annos que conta de existencia, distribuiu 22 milhões de exemplares da Biblia completa ou 10 do Novo Testamento, que lhe custaram 5 milhões e meio de libras esterlinas. Se a este numero de exemplares juntarmos os distribuidos pelas sociedades biblicas estrangeiras, apparece a enorme quantidade de 39 milhões. Só no anno de 1849 a Sociedade Biblica-Britannica distribuiu 1.107:518 exemplares das Sagradas Escripturas. Durante o mesmo anno despendeu 88.331 libras esterlinas, e a sua receita montou a 95.933 ditas. A associação tem mandado traduzir a Biblia em 140 linguas e dialectos differentes; nas colonias inglezas tem 525 agencias e nos Estados-Unidos 3217 ditas.

ESTATUA DE NAPOLEÃO.

441 A 5 de Maio do corrente será inaugurado na capital da Corsega, Ajaccio, o monumento erecto á memoria do imperador. A estatua representa-o no trajo de primeiro consul, é obra do esculptor Laboureur em cumprimento do legado feito áquella cidade pelo cardeal Fesch.

RODAS DO DISTRICTO DO PORTO.

442 No anno de 1849 entraram nas 5 Rodas do Districto do Porto 2,098 expostos, dos quaes 17 já não eram de leite. Falleceram: de leite 1,759. Existiam no 1.º de Janeiro 3,120, e no ultimo dia do anno 2,868.

CADEIRA DISPUTADA.

443 A Academia franceza procedeu em 26 de Março á eleição da pessoa que deverá occupar o logar vago por obito de M. de Féletz Não obstante verificarem-se cinco escrutinios, nenhum reuniu sufficiente numero de votos: M. Nisard obteve 16; M. de Montalembert 12; M. Alfred de Musset 5; a maioria absoluta era de 17 votos.

Á vista deste resultado, a Academia decidiu, na conformidade dos estatutos, deferir a eleição para Novembro proximo. M. Guizot patrocinava a candidatura de Nisard, M. Thiers a de Montalembert, e MM. Lamartine e Victor Hugo votaram por Alfredo de Musset.

TELEGRAPHIA NA RUSSIA.

444 O autocrata concebeu o importante projecto de estabelecer communicações immediatas e rapidas, entre S. Petersburgo, Berlim e Vienna, por meio de uma linha de telegraphos electricos, que se dirigirá por Varsovia e Posen ás capitaes de Allemanha. O Governo russiano já encetou conferencias preliminares da empreza.

PRAÇAS ESTRANGEIRAS.

445 *Londres*, 6 de Abril. — Consolidados inglezes fecharam a 96⅝. — Os fundos portuguezes a 32½ e 33.

Paris, 7 — Os 5% ficaram a 89,65 para conta, e os 3% a 55,70 — As acções do banco não melhoraram, conservando-se a 2165 francos.

Madrid, 8 — Titulos de 5% a 29¼ papel.

Ditos de 4, a 13¾ dito.

Ditos de 3, a 13⅛ dito.

VINGANÇA DE CONTRABANDISTA.

446 Um dos fabricantes mais industriosos e honrados da Covilhã acaba de ser victima de uma trama urdida por contrabandistas, para se vingarem de quanto elle se tem empenhado em acabar com o contrabando de lã hispanhola tão ruinoso para a nossa industria. Tinha o Sr. A. G. comprado o segundo andar de um predio, que estava em litigio; as casas estavam em abandono, e não tinham dono conhecido. Nestas casas introduziram uma avultada porção de sabão, para assim involverem o Sr. A. G. em um processo. As justiças da terra já fizeram o seu dever reconhecendo a sua innocencia, e o negocio vae correr o seu termo em Lisboa, onde o Sr. A. G. ganhará um decidido triumpho contra os seus inimigos, que o são tambem da industria nacional. Temos as mais exactas informações a este respeito, e esperamos que justiça ha-de ser feita, e que o Sr. A. G. não deixará de continuar a empregar o seu zelo, a sua influencia em combater o contrabando por todos os modos, apezar das vinganças, que possam inventar os que com elle lucram.

NOVO BANCO DE ROMA.

Segundo se lê no *Mensageiro de Modena* decidiu-se, e vae brevemente ser publicada a nova organisação do Banco romano. As bases são estas:

447 1.° O governo pontificio reconhece e toma a seu cargo a divida de um milhão e cem mil escudos emprestados pelo Banco ao governo republicano.

2.° Proroga por espaço de 12 annos o privilegio anteriormente concedido ao conde Giraud, primeiro fundador do Banco, e que o havia transferido aos actuaes accionistas. A concessão fôra por 20 annos, e este prazo está a concluir.

3.° O Banco deve augmentar dentro de um anno o seu capital presente até á concorrencia de um milhão.

4.° Deverá ter á disposição do governo um credito aberto até a quantia de tresentos mil escudos a dois e meio por cento; e fornecer annualmente á casa da moeda de Roma barras de oiro e prata no valor de quatrocentos escudos.

5.° O Banco romano deverá constituir-se finalmente Banco Nacional com estabelecimentos filiaes em Ancona e Bolonha e agencias nas provincias menos importantes.

6.° Os accionistas poderão augmentar milhão e meio até dois milhões o capital de que se trata no art. 3.° como condição necessaria de existencia legal; a consequencia deste augmento facultativo seria a prorogação do priviiegio, elevando-o ao prazo de 18 ou 20 annos.

PRAÇA DE LISBOA.

Em 17 de Abril.

448 Fundos publicos de 5 por cento com os juros pagos 51 a 52. — Acções do Banco de Portugal 425$000 rs. — Desconto de Notas, 600 por moeda.

Estado do mercado, em 17 de Abril.

Algodão de Pernambuco 120 a 125 rs. — Dito do Maranhão 115 a 120 rs. — Dito da Bahia 110 a 115 rs. — Não tem havido vendas.

Assucar de Pernambuco B. novo 1$500 a 1$600 rs., dito velho 1$350 a 1$450 rs., — Do Rio dito 1$250 a 1$350 rs. — Da Bahia dito 1$350 a 1$450 rs. — Das Alagôas dito 1$250 a 1$300 rs. — Do Pará, bruto 900 a 1$050 rs. — Mascavado novo 1$150 a 1$200 rs., dito velho 900 a 1$050 rs. — Este artigo acha-se firme, em virtude de se terem effectuado mais algumas vendas para reexportar, e de ter sido mais procurado para o consumo do paiz. Actualmente acham-se de quarentena 6 navios, vindos do Brasil, sendo 3 de Pernambuco e 3 da Bahia, os quaes trazem para este porto as seguintes cargas de assucar; a saber: de Pernambuco 3,768 sacos, 400 barricas e 25 caixas: da Bahia 61 sacos, 24 barricas, 5 feixos e 232 caixas.

Cacáu 1$750 a 1$800 rs. — Houve pequenas vendas para o consumo.

Caffé do Rio. — Não ha.

Cêra de Angola B. 268 a 270 rs. — Dita A. 258 a 260 rs. — Ultimamente chegaram 287 gamellas, das quaes já houve uma pequena venda.

Marfim de lei 1$100 a 1$300 rs. — Dito meão 850 a 900 rs. — Dito escravelho 550 a 700 rs. — Não nos consta que houvesse vendas, tendo chegado um reforço de 435 pontas.

Urzella 6$400 a 6$500 rs. — Tem-se realisado algumas vendas. Ultimamente chegaram 370 sacas.

BIBLIOGRAPHIA.

O GENIO DO CHRISTIANISMO POR CHATEAUBRIAND.

O Genio do Christianismo, por Chateaubriand, é uma das mais grandiosas obras da Religião Christã. Uma Religião, que inspira similhante monumento de estudo e de fé, não póde deixar de ser eterna. Ao publicarmos o prospecto da traducção desta obra, que nos foi remettido, não tentaremos o trabalho inutil de a elogiar. É raro o dia que á redacção da REVISTA se deixam de appresentar prospectos, que se podem considerar como ameaças mortaes, não só á nossa litteratura e linguagem; mas até, algumas vezes, á moral publica, que tanto se devia respeitar e propagar. Nestas circumstancias desgraçadas, o fazer selecção — é um rigoroso dever. O prospecto, a que nos referimos, pareceunos modesto, e gostamos de o vêr desacompanhado dessa baratesa espantosa e avultadas vantagens, que as mais das vezes occultam o roubo da propriedade alheia ou o trabalho feito sem consciencia, nem estudo. Desejaramos que o prospecto trouxesse o nome do traductor. Em obras deste quilate, é uma garantia publica que se não póde dispensar. Na falta della a nossa recommendação não póde deixar de ser acompanhada da promessa de examinar, mal que a traducção comece, se é ou não digna do precioso original.

449 Vamos traduzir esta obra. Sabemos a difficuldade da empreza, procuraremos vencel-a, apresentando a traducção em portuguez sem gallicismos. Analysar n'um prospecto *O Genio do Christianismo* não é possivel; tecer elogios é perfeitamente inutil: o auctor dos *Martyres*, o visconde de Chateaubriand, não precisa ser elogiado.

Nestas eras de irreligião e immoralidade, creadas pela ignorancia, e falta de bons livros, *O Genio do Christianismo*, erguendo-se em Portugal como um gigante, e á voz desse escriptor, que já transpoz os umbraes da eternidade, e que nas suas obras posthumas já nos mostrou a sua vida tão piedosa, e tão christã, hade exercer benefica influencia, salutar effeito nas massas. Dar-nos-hemos por felizes se este fôr o fructo de nossos trabalhos, e se o nosso paiz, que tão máus livros tem importado, podér desta vez ao menos lucrar com as boas doutrinas que se encontram em cada pagina desta obra.

Consta *O Genio do Christianismo* de 5 volumes, e sahirá por folhas, que se publicarão regularmente duas ou tres por semana. Subscreve-se unicamente na loja do Sr. J. P. Martins Lavado, rua Augusta n.º 8, onde tambem se recebem assignaturas das provincias, remettendo á mesma loja, em carta franca de porte, a importancia de 24 folhas (720 réis) renovando a mesma quantia em tempo competente, a fim de não soffrerem interrupção na remessa das folhas; por isso que nenhuma folha será remettida sem se achar paga.

Os Srs. assignantes de Lisboa pagarão 30 réis no acto da entrega de cada folha.

Começará com brevidade a sua publicação, advertindo que logo que comece se não receberão mais assignaturas, e a obra só se achará á venda depois de concluida.

Roga-se á pessoa que este prospecto receber tenha a bondade de o entregar com assignaturas (ou sem ellas) na loja annunciada.

—

OS MYSTERIOS DO POVO, por *Eugenio Sue*: publicaram-se as folhas 11 e 12, e a 1.ª estampa, optimo desenho do Sr. Mac-Phail. Preço 15 réis duas folhas.

Todo o individuo que sollicitar seis assignaturas, *realisaveis*, receberá (gratuitamente) em sua casa, um exemplar desta obra.

Os Srs. que sollicitarem tres assignaturas (do mesmo modo realisaveis), receberão em sua casa, um Retrato Contemporaneo magnificamente lithographado, podendo deixar o seu nome e morada em qualquer dos locaes abaixo designados, onde se recebem as mesmas assignaturas, a fim de lhe poder ser entregue com toda a brevidade.

Os Srs. Assignantes de Provincia poderão dirigir as suas correspondencias, francas de porte, ao traductor dos *Mysterios do Povo*, rua dos Douradores n.º 31 T, 1.º andar, enviando ao mesmo tempo a quantia de 360 réis, importe (pouco mais ou menos) do 1.º volume.

N. B. Advertimos que a nossa publicação de — duas folhas 15 réis — deve ser conhecida pelo nome da typographia abaixo designado e impresso na 1.ª pagina da obra. Fazemos esta advertencia afim de que o publico a não confunda com uma outra edição (de 10 réis a folha), que tambem se publica em Lisboa.

Garantimos a conclusão da obra, não com a maior rapidez por que não desejamos sobrecarregar os assignantes, mas sim regularmente de 2 a 4 folhas por semana.

Assigna-se e vende-se em todas as lojas de livros, e egualmente nos depositos centraes desta obra, typographia de Silvas rua dos Douradores n.º 31 T, e na loja do Sr. Lavado, rua Augusta n.º 8.

—

A NODOA DE SANGUE — publicou-se já a 6.ª folha da traducção deste romance de M. *d'Arlincourt*: vende-se a 20 réis a folha (de 16 paginas) nas lojas de livros: assigna-se para ser entregue em Lisboa, ou pelo correio, na loja do editor, rua Augusta n.º 85.